

Estratégias Sonhadoras para Tentar Dar Certo: reflexões entre teatro, escola e universidade em tempos pandêmicos

Dreamy Strategies to Try to Make it Work: reflections between theater, school and university in pandemic times

Túlio Fernandes Silveira

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil
E-mail: tulio.fs@hotmail.com

Júlia Fernandes Lacerda

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil
E-mail: juliateatro@gmail.com

Nathália Albino de Souza

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil
E-mail: nathaliaalbinos@gmail.com

Nícolas de Córdova Dorvalino

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil
E-mail: nicolasdecordova@hotmail.com

Resumo

Esta escrita é feita por muitas mãos e costurada com poesia. Aqui, quatro professoras-artistas dialogam sobre estratégias da ação docente no ambiente escolar, descrevendo e refletindo sobre a prática pedagógica desenvolvida durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado: Teatro na Escola II, da Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina. É relatada uma experiência prática em campo realizada de outubro a dezembro de 2021, com uma turma de sexto ano da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC. O processo é descrito e analisado neste artigo por três professoras em formação e uma professora substituta, supervisora de estágio, doutoranda em Teatro e responsável pela disciplina de Artes Cênicas na escola onde ocorreu a prática pedagógica. Por meio de cartas, teorias, indagações e desabaços, as autoras lançam um olhar para a ação pedagógica ao refletir sobre o fazer escola em tempos de pandemia, compartilhando as diferentes expectativas e questionando os resultados atingidos em sala de aula, buscando sonhar juntas uma realidade possível através da relação entre a literatura e o teatro. Afinal, o que é uma aula de teatro que “dá certo”?

Palavras-chave

Pedagogia das Artes Cênicas. Teatro na Escola. Estágio Docente. Teatro e Literatura. Aula Virtual.

Abstract

This writing is made by many hands and stitched together with poetry. Here, four artist-teachers dialogue about strategies of teaching action in the school environment, describing and reflecting on the pedagogical practice developed during the Supervised Curricular Internship: Theater at School II, of the Degree in Theater at the Universidade do Estado de Santa Catarina. A practical experience on field carried out from October to December 2021 is reported, with a sixth-grade class from the Municipal Education Network of Florianópolis/SC. The process is described and analyzed in this article by three teachers in training and an internship supervisor teacher, who is a PhD student in Theater and responsible for the Performing Arts discipline at the school where the pedagogical practice took place. Through letters, theories, inquiries and outbursts, the authors take a look at pedagogical action by reflecting on doing school in times of pandemic, sharing different expectations and questioning the results achieved in the classroom, seeking to dream together a reality possible through the relationship between literature and theater. After all, what is a theater class that “works”?

Keywords

Pedagogy of Performing Arts. Theater Education. Teaching Internship. Theater and Literature. Virtual Class.

Escrever sobre processos artísticos em sala de aula do ensino básico público durante a pandemia no Brasil nos parece não só desafiador, como extremamente necessário. Primeiro, porque nos permite compartilhar e trazer à tona a realidade enfrentada por professores, estagiárias e estudantes em diversos contextos educacionais, bem como as diferentes estratégias utilizadas no ensino do teatro de modo remoto; e segundo, porque nos permite sonhar, ainda que imersos nesta conturbada realidade. É por acreditar que os sonhos são parte fundamental da nossa existência, que partimos deles para a nossa experiência como estagiárias de uma turma de sexto ano do ensino básico da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC.

A disciplina de **Estágio Curricular Supervisionado: Teatro na Escola II**¹, além das aulas teóricas, prevê uma ação prática de estágio que foi realizada por nós no período de outubro a dezembro do ano de 2021, durante as aulas curriculares em modo remoto² de Artes Cênicas na EBM Henrique Veras. Essas aulas aconteciam quinzenalmente on-line (na plataforma Google Meet), tinham duração de 1h30 – com um pequeno intervalo de 5min – e contavam com uma turma de 30 estudantes matriculados, na faixa etária entre 10 e 11 anos, dos quais cerca de 10 compareciam aos encontros virtuais. Eram ministradas pela professora supervisora do estágio, Júlia, coautora deste texto, bem como pelas estagiárias. A orientação do estágio foi realizada por Iassanã Martins, professora da universidade.

Tubarão, 12 de janeiro de 2022

Caras sonhadoras,

Já inicio este escrito me perguntando se o ato de se encontrar pode ser considerado um sonho. Estar com pessoas que amamos, na atual realidade, talvez seja. Em casa, minha mãe, sentada na cadeira na parte externa, fala: “sonhei com um sonho muito louco ontem, sonhei que a gente foi pra praia e...”. Logo me veio na cabeça nossas aulas, nossas

ideias, nosso processo.

*Sonhos para adiar o fim do mundo*³ ... *Que título interessante escolheu Krenak; e por sua vez cabe tanto na realidade atual. Passando o olhar, pimba! Achei: “Sonhar é uma prática que pode ser entendida como regime cultural em que, de manhã cedo, as pessoas contam o sonho que tiveram”. Foi isso. Minha mãe, ao contar, sentia confiança em mim para compartilhar algo íntimo e afetivo, em um momento corriqueiro.*

A partir disso, fiquei pensando o quanto nossas aulas proporcionaram essa abertura, não só para o mundo onírico e de jogo teatral, mas também para tentar trazer isso à tona no cotidiano, perpassando a esfera do íntimo e compartilhando algo nosso com amigos, professores, desconhecidos...

Digo isso, pois o sentimento de frustração de achar que não conseguimos alcançar o que almejamos, o “dar certo”, a aula perfeita, me tomou após a finalização do campo. Mas ao pensar no sonho como essa infiltração na realidade, nesse campo de abertura de intimidade, de partilha, de olhar no olho e contar algo tão individual, me parece que se aproxima da noção de teatro, do sentido de coletividade que tanto pensamos em criar e vivenciar.

Krenak ainda continua: “o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer” e me pergunto se nesse ato de teatrar-nos, de partilhar sonhos e criar outras realidades fictícias a partir do jogo, não alcançamos algo interessante, do sonhar no amanhecer. Penso nos pais assistindo de canto os filhos tendo nossas aulas, ou os filhos contando sobre as aulas de teatro, ou mesmo a reflexão sobre o que aconteceu em aula.

Escrevo isso questionando: o que é uma aula que dá certo? Ainda mais uma aula que pretende utilizar sonhos sonhados ou quem sabe criar utopias distantes da realidade – mas que ao colocar para fora, já está aqui o próprio ato de sonhar. Essa pergunta é muito cara pra mim, porque por vezes, pretendo uma aula “perfeita”, que contemple a todos de alguma forma, que seja relevante... Será mesmo que isso é o dar certo?

³ Título de um dos subcapítulos do livro *A vida não é útil* de Ailton Krenak (2020).

¹ Disciplina ministrada pelos professores universitários Heloíse Baurich Vidor e Filipe Brancalhão.

² O estágio aconteceu no segundo semestre de 2021, quando grande parte das instituições de ensino do Brasil estavam ofertando seus cursos de forma virtual, soluções temporárias encontradas para lidar com o isolamento social ocasionado pela pandemia de covid-19 que assolou o mundo a partir de 2020.

Por ora, continuarei pensando sobre nossos sonhos coletivos.

Sonhador Túlio

Repousar o corpo para enfim adormecer

Em nossas experiências como professoras em formação, os primeiros encontros com a Escola vêm acompanhados de grandes expectativas. Existe um desejo latente de cativar os e as estudantes, de fazer a diferença na vida daquelas pessoas. Desejo, este, alimentado durante o tempo em que ficamos sentadas nas cadeiras da Universidade enquanto pensamos e discutimos metodologias e quando sonhamos com as nossas formas de ensinar e de fazer teatro. As tentativas que rondam a realização desse desejo é o que traduzimos no título deste artigo como "estratégias sonhadoras para tentar dar certo". Após a vivência no campo, no entanto, nossas reflexões voltaram-se para a seguinte pergunta: o que é dar certo?

Nossa proposta pedagógica, elaborada para a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado: Teatro na Escola II, foi intitulada "A poesia dos sonhos: um processo de teatro virtual em estágio na escola". Neste projeto depositamos nossas expectativas em costurar sonhos, teatro e literatura⁴ em nossos encontros com a turma. Para alavancar o imaginário, mergulhamos no livro *Prendedor de Sonhos* (2010) que nos apresenta Zelito Traquitana, um inventor que constrói máquinas fantásticas para os habitantes da cidade. A partir da ideia da materialidade, que alia o imaginário ao ato de construir, sonhamos em criar juntas uma narrativa cênica durante as aulas, a partir das provocações oníricas que levávamos para os encontros.

A virtualidade trouxe outro aspecto para a instituição escola que, além de todas suas dificuldades presenciais, não possuía mais a presença física dos corpos, os passos no corredor, a organização em coletivo das carteiras e cadeiras antes de começar a aula. Por meio da tecnologia, de telas de computadores e celulares, nos encontrávamos: alguns sorrisos, algumas vozes, poucos rostos. Como "fazer escola"⁵ em tempos pandêmicos?

4 Utilizamos como inspiração na criação do projeto de estágio a pesquisa de Heloíse Vidor (2016). Conforme defende a pesquisadora dos campos da leitura e do teatro, o texto literário é uma pluralidade potente que estabelece um campo fértil para a criação teatral (VIDOR, 2016).

5 Nos referimos aqui ao conceito filosófico do "es-

"Tomás chega à escola. Não há salas. Não há carteiras. Não importa. Há uma professora. – A primeira lição é construir a nossa escola – diz ela" (RUMFORD, 2012, p. 8-9). Tomás e a professora são personagens do livro *Escola de Chuva* (2012). Nesta história, os novos estudantes percorrem um longo caminho até chegar a um espaço vazio, de terra batida e com estacas de madeira dispostas no chão e são recepcionados com uma proposta emblemática: a primeira atividade da escola é construir a própria escola.

A voz da professora do livro ecoou forte nas nossas memórias quando nos encontrávamos com a turma, na sala on-line: construir a própria escola. Neste momento, o que nos interessa é pensar no espaço escolar como "uma instituição que admite sonhadores, onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e seu entorno" (KRENAK, 2020, p. 19). Portanto, para nós, construir a própria escola também se relaciona com a criação de um ambiente sensível e propício para a livre manifestação de sonhos. Um lugar onde se esteja em contato constante com a fabulação, por meio do teatro e em diálogo com a literatura. Visto que a literatura é uma manifestação atemporal da sociedade e, segundo Candido: "assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado" (CANDIDO, 2011, p. 176). Um dos motivos para a escolha desta temática, então, tem a ver com acreditar que a escola seja uma instituição que instiga os e as estudantes a sonhar.

Assim como Tomás, chegamos à escola: não há salas; não há carteiras. É a fabulação da literatura materializando-se em nosso presente concreto. Para além da migração do espaço de ensino e aprendizagem escolar para dentro das casas, a falta de salas e carteiras também se assemelha à dificuldade de identificar a expressão do grupo com que nos deparamos. Nossa intenção de sonharmos juntas dependia de um repertório comum da coletividade para que compartilhássemos do mesmo sonho.

Hoje nós sonhamos com...

Na primeira aula, exibimos pela tela do computador o trecho inicial do livro *Prendedor de So-*

colar" trazido pelos autores Masschelein e Simons (2021). Segundo eles, a escola só se efetiva pelo "**tempo livre**", um tempo não produtivo, dedicado aos estudos e a atenção compartilhada.

nhos (2010). As professoras e alguns estudantes revezaram-se na leitura de oito páginas da obra, dessa forma, adentramos nos sonhos, por meio do teatro em diálogo com a literatura. A atividade seguinte foi a criação do que chamamos de **máquinas de fragmento de sonho**: cada um era convidado a montar uma máquina a partir de objetos que tinha em casa. Em seguida, as máquinas eram postas em funcionamento e outras pessoas improvisavam seus sons. Observamos situações muito interessantes no decorrer do jogo: alguns estudantes criaram suas máquinas com objetos da mesa onde o celular estava apoiado; outros invadiram o espaço da lavanderia, com baldes, fiações e mangueiras compondo a cena; outros ainda reinventaram funções para objetos cotidianos dos seus quartos. Cada um a seu modo, com ou sem a câmera aberta, e com os materiais que dispunham, participaram do nosso momento inventivo. Para finalizar, provocamos uma conversa através de algumas perguntas a respeito dos estímulos vindos do texto e da prática de criação artística. A conversa ocorreu pouco fluidamente, nos fazendo identificar no momento avaliativo das aulas um ponto no qual deveríamos nos debruçar com mais cuidado. Ao ouvir nosso relato, a orientadora do processo nos incitou a buscar a qualidade do jogo dentro da avaliação, para que o próprio pensamento reflexivo e a construção racional sobre o trabalho acontecesse de forma lúdica. Ela sugeriu que começássemos com perguntas mais comuns à turma e que nós também as respondêssemos, compartilhando nossas percepções do jogo.

Na segunda aula sonhamos com lugares utópicos. Com todas as máquinas funcionando ao mesmo tempo, um portal imaginário foi aberto, capaz de nos teletransportar para cenários inéditos. Fazer as máquinas funcionarem juntas foi um desafio, visto que a turma demorou a ligar as câmeras e retomar o movimento das máquinas de fragmento de sonho. Mais uma vez, nos inserimos na atividade na intenção de trazer o grupo conosco, assumindo uma posição aproximada a de professoras-jogadoras, como Carmela Soares sugere. Para a autora, essas professoras são aquelas que se relacionam com o estudante “sem as certezas daquele que detém (...) o conhecimento prévio da disciplina. Ao contrário disso, a atitude lúdica, coloca o professor numa relação de parceria e de cumplicidade com o estudante na busca e na construção do conhecimento” (SOARES, 2010, p. 96). Nesta aula, um dos estudantes alegou no chat que não sabia como reconstruir a máquina. Como resposta, um colega de turma envia no chat:

não precisa fazer sentido – frase que passou a ecoar em nossos encontros.

Transportados para um novo lugar, caminhamos por uma praia de mar cor-de-rosa. Criávamos as imagens dos lugares em narração, descrevendo o que víamos e o que sentíamos no corpo ao desbravar o ambiente. Uma das alunas comentou que se sentiu na obrigação de ir à praia – mas à praia de verdade. Será que ela sentia os bichinhos que corriam na areia? Ou observava conosco as ondas imensas que surgiam ao longe? Enquanto afundávamos na areia movediça, a preocupação de uma sonhadora era morrer asfixiada. Mas essa areia era mágica: estávamos a salvo.

Foi a partir de então que à medida em que avançávamos na investigação dos novos espaços, acreditamos que a turma começou a sonhar conosco. Com as câmeras e os microfones maioria da turma desligados, criamos no chat um percurso ficcional em lugares inventados por todos nós. Eles escreviam e nós líamos em voz alta para tentar mobilizá-los a experimentar em conjunto e também engajávamos nossos corpos na ação de desbravar os lugares. A cada elemento sobre o espaço que surgia, algumas pessoas do grupo interagiam com as coisas que eram trazidas à tona, como o medo das águas-vivas que apareceram no céu e: “olha, eu vi um pato!”, disse um estudante. Nos divertia, enquanto professoras-jogadoras, dividir as decisões. Para onde vamos agora? O que vocês estão enxergando? O que é aquilo lá? A exploração que esperávamos que a turma exercesse por meio da experimentação corporal e da busca pelas sensações sinestésicas no desbravamento dos lugares foi substituída por uma criação transcrita de lugares e situações ocorridas neles. Pelo chat, sugeriam ações: invadir a casa, dançar junto com os gatos. Assim a atividade seguiu até o fim, na maior parte do tempo, com apenas as câmeras das professoras ligadas e o chat operando como espaço de manifestação da invenção de nosso sonho coletivo.

Muitas vezes a turma se declarou envergonhada para realizar as atividades com as câmeras ligadas. Nós dizíamos que era uma oportunidade de passarmos vergonha juntos; mesmo assim preferiam o chat. Reconhecemos que a ação de descrever em palavras os ambientes e as situações pelas quais passamos era importante para o incentivo à criação dos e das estudantes. Talvez isso tenha efetivado na aula um ponto de virada na participação da turma; quem sabe até em suas próprias percepções sobre seus potenciais imaginativos. Não atingindo

as expectativas do planejamento – porque queríamos que procurassem no corpo os modos de participar de cada ambiente –, a turma ultrapassou o esperado ao construir uma narrativa coletiva, que apresentava a história de um grupo de inventores viajando por lugares utópicos. E nós tivemos a oportunidade de percorrer esses lugares e nos envolvemos com as criações propondo uma relação de cumplicidade entre os e as estudantes na construção do conhecimento em teatro (SOARES, 2010).

Todo esse percurso relembra a ideia de Krenak a respeito da instituição que admite sonhadores. Como é para estudantes terem um momento dentro da escola no qual não estão submetidos a modos fixos de realizar as atividades, mas são incentivados e incentivadas a inventar sua própria maneira de fazer? Relacionamos essa ideia ao que Henrique Bezerra (2021) defende como **reinvenção de saberes**. Em seu livro, o pesquisador da Pedagogia do Teatro defende o processo de ensino e aprendizagem como uma proposta de se reinventar os saberes já sabidos. Isso reflete em uma crença na capacidade dos e das estudantes, que ao experimentarem um exercício teatral e recriar atividade à sua maneira, são autônomos na construção do conhecimento. Percebemos, como estagiárias condutoras da aula, a importância de nos mantermos em uma atitude de improvisação constante, dispostas a reinventar as propostas da aula ao perceber que os e as estudantes estão direcionando-a para um outro caminho, de maneira que a entrada da turma no jogo de percorrer os lugares utópicos conduziu a proposta para uma outra modalidade de realização do exercício (SOARES, 2010). Portanto, tentamos superar a dificuldade em empregar o uso das câmeras e dos microfones ao assumir o chat como um meio de elaboração das criações. Será que construímos nossa instituição que admite sonhos durante essa aula?

São José, 11 de janeiro de 2022

Há três noites que não durmo direito. Mas ontem, depois de tanto rolar na cama, fingi sonhar. Se eu contasse meu sonho pra vocês, será que me diriam: "Sonhei as mesmas coisas"? Fomos bastante ousadas ao propor um sonho coletivo para uma turma logo que chegamos. Ando pensando que o sonho não é construído no momento em que deitamos a cabeça no travesseiro, mas ele reúne tantas outras situações anteriores, que fica difícil explicar o que é um sonho. Talvez tenha nos faltado tempo e estratégias para construir um imaginário em grupo que

originaria um sonho do próprio grupo e não uma projeção de quem o idealiza. Como na noite passada, elaborar um sonho consciente antes de dormir foi efetivo para me colocar em um estado sensível. Porém, depois que dormi e me desprendi dessa função de controle, foi quando o sonho de verdade começou.

Sentir-se fracassado diante de uma sala de aula é, acredito, a pior sensação para quem percebe na relação docente-discentes uma possibilidade de fricção entre o rumo tradicional do ensino e a invenção. Eu senti que falhei em muitos momentos desse processo de estágio: me senti despreparado, sem repertório, sem sabedoria para conduzir as aulas com vocês. Mesmo assim, olhando hoje para o que aconteceu, sei que tentamos. Vejo que o que fizemos, ou pelo menos o que tentamos fazer, foi acreditar que há espaço para sonhar dentro da escola. E se ouvimos tanto falar em abrir um espaço para que os estudantes tentem e tentem de novo, tivemos, também, o espaço na turma para tentar e tentar de novo como professoras que também são estudantes. Toda semana em que sentávamos frente ao computador, ligávamos as câmeras e o microfone, abríamos também um espaço para tentar sonhar dentro da escola em meio a um tempo em que não temos muitas saídas que nos permitam esse tipo de alívio. Para além de admitir a nossa sala de aula como um lugar aberto ao íntimo de cada um, pode ser que nossa presença reverbere de alguma maneira nas pessoas que encontramos no processo. Quem sabe elas se sentiram tocadas de alguma maneira com uma palavra que lançamos. Quem sabe a escola seja mesmo o lugar próprio para os sonhos e não fizemos nada de extraordinário. Quem sabe apresentamos à classe um antigo amigo com quem há tempos não se encontrava. Quem sabe escolher sonhar na escola seja parte do sonho.

Eu gosto de pensar em nossas estratégias sonhadoras para tentar dar certo. Acho que elas expressam que nós tentamos. Colocamos uma expectativa alta e talvez uma cobrança forte sobre a turma também. Hoje eu não acho que não conseguimos fazer nada. Fizemos alguma coisa. Esforço-me para ver tudo isso com bons olhos – com generosidade. Tivemos uma escuta atenta para pensar em estratégias de participação, envolvimento, bem-estar. Quem sabe focamos tanto nesses aspectos que perdemos de vista outra coisa que estava se movimentando durante os encontros. Tentamos. Depois que isso pas-

sar, entraremos novamente numa sala de aula e tentaremos mais uma vez. Quanto à prática docente pra mim, agora, faz muito sentido pensar em tentar.

Sonhador Nicolas

Na terceira aula ministrada aconteceu a junção de duas turmas: o sexto ano, com o qual já estávamos realizando os encontros de estágio, com o sétimo ano, que embora não estivesse inserido no processo, tinham aulas de teatro com a mesma professora supervisora desde o início do ano. Esta foi uma organização própria da instituição escolar, específica daquela semana, que pretendia inserir diferentes temáticas nos planejamentos das disciplinas. Buscando uma forma de unir o nosso planejamento inicial à solicitação da escola, a ideia era, por meio do teatro e da literatura, tocar o tema da diversidade ao propor um olhar para corpos diversos da nossa sociedade. Para isso, escolhemos o livro *Os invisíveis* (2013), de Tino Freitas e Renato Moriconi, como estímulo. Essa literatura conta a história de um menino que possuía um superpoder e o utilizava em diversos lugares do seu cotidiano quando criança. Mas, ao crescer, esqueceu de seus superpoderes e não os usou mais. Ao compartilhar o livro, nossa estratégia foi trabalhar somente com o texto, deixando as ilustrações da história para o momento final.

A parte prática da aula consistia em experimentar os corpos dos seres invisíveis referidos no texto com nossos próprios corpos. A proposta era utilizar objetos e roupas como figurinos, a fim de criar esses corpos diferentes. As improvisações que os e as estudantes propuseram nesse momento utilizavam principalmente de cobertores e roupas para esconder o rosto e partes do corpo, criando seres sem feições humanas.

Após algumas experimentações de corpos invisíveis, propusemos mais uma leitura da obra, agora com o compartilhamento das ilustrações. As imagens mostravam uma outra possível camada de leitura: o superpoder do personagem principal podia ser entendido como um olhar atento a pessoas específicas da sociedade, que vivenciam algum tipo de vulnerabilidade social ou que trabalham com profissões marginalizadas.

Então, lançamos a pergunta de reflexão: Que corpos vocês acham que são invisíveis na nossa sociedade? Pelo microfone, duas alunas compartilharam suas impressões, disseram que esses corpos poderiam ser os das pessoas que sofrem preconceito e não são, de alguma forma, aceitas

pela sociedade. Outros estudantes concordaram com as contribuições. Acreditamos que por meio da literatura e do teatro, instigamos a imaginação dos estudantes para ressignificar o próprio olhar ao refletir sobre problemas sociais.

Para finalizar nossa trajetória com a turma, em nossa última aula apostamos em uma escrita coletiva, de forma que também finalizaríamos com literatura o processo que começou com ela – agora, escrita de forma autoral pela turma. Inicialmente, com um estímulo musical, pedimos para que os e as estudantes pensassem na nossa trajetória juntos e buscassem responder com seus corpos a pergunta: Por que sonhar hoje?

Em certo momento, enquanto conversávamos sobre a pergunta, um estudante ligou a câmera e compartilhou um mapa mental que havia realizado durante a atividade. Este ato surpreendeu-nos mostrando um engajamento inesperado nas aulas. Fez-nos perceber que a participação não deve ser considerada somente a partir da resposta que se espera – efetuando e respondendo às atividades propostas da forma solicitada – mas em toda troca que acontece em aula. Esta observação, acreditamos, é válida inclusive para os recursos alternativos, como o chat, por exemplo: ali também pode ocorrer a ação pedagógica e o fazer artístico.

Na sequência, pedimos para que cada um e cada uma criasse uma imagem estática com o corpo que buscasse responder a mesma pergunta. Em nosso planejamento, construiríamos ao todo três imagens estáticas e conectaríamos uma à outra através de movimentos. No entanto, não fomos felizes em nossa última tentativa de utilizar o vídeo como mídia: a turma não ligou mais as câmeras. Mesmo assim, no espaço do chat, discutiram sobre a pergunta lançada. Algumas pessoas falaram que haviam criado sua imagem corporal. Mas nós não víamos formas de seguir com a atividade se não podíamos vê-las. Como é possível ensinar sem acompanhar visualmente o processo? Depois de algum tempo, um *emoji*⁶ surge no chat e, logo depois, outro. Um dos estudantes desafia as estagiárias a transformar o *emoji* em imagem corporal. O jogo foi lançado e a ideia foi acatada: a estagiária aceita o desafio com a condição de que o estudante também o faça. Ambos realizam o desafio e percebemos que a atividade planejada serviu de trampolim para o surgimento de outra atividade, proposta pelo próprio

6 Emojis são figurinhas virtuais disponíveis nas redes sociais para comunicação informal.

estudante.

Em seguida, exibimos o teaser do curta-metragem *The Lost Thing* (2010)⁷. Esse vídeo foi escolhido por apresentar um tom fantástico que remete ao onírico e por vermos ligações com o processo: um inventor/viajante, uma máquina (um ser diferente) com vida própria que o acompanha e a abertura de uma porta enigmática ao fim do trailer. Pedimos para que cada estudante, pensando no processo das nossas aulas até então, escrevesse três frases a partir do filme e da pergunta central da aula: Por que sonhar hoje? Feito isso, lemos as frases embalhadas, criando um poema coletivo:

*Sonhar para abrir portas
Sonhar para abrir caminhos
Um caminho infinito em busca de si
Essa noite eu tive um sonho, sem imagens, sem cor
Eu só ouvia a voz ecoante daqueles e daquelas que
fazem do futuro um lugar possível de se amar
Sonhar para conseguir
Sonhar pra desejar
E sonhar para imaginar
Sonhar para criar outra realidade
Sonhar não tem sentido sonhar para tudo
e às vezes para nada
Sonhar para descobrir lugares
Sonho, logo existo
Sonhar para alcançar
Hoje eu sonho por acreditar que o hoje já faz parte do sonho
Sonhar para encontrar novos mundos*

Por fim, fizemos uma breve fala de agradecimento e abrimos para que a turma ficasse à vontade para comentar e questionar. Alguns agradecimentos e palavras carinhosas vieram através do chat⁸.

Florianópolis, 10 de janeiro de 2022

Boa noite, sonhadoras

7 O teaser do filme, dirigido por Andrew Ruhemann e Shaun Tan, pode ser acessado pelo link: <https://www.nfsa.gov.au/collection/curated/lost-thing>.

8 Ao fim do processo de estágio, criamos um vídeo que mescla registros visuais e poesia para descrever a experiência: <https://www.youtube.com/watch?v=miyO-gie5Ktc>.

O calendário me diz que faz 10 dias que virou o ano e um dos poucos sonhos que já desejei para este ano é sonhar mais. Hoje refleti sobre o sonho que sonhamos juntas, no qual levávamos matéria onírica para um grupo maior de sonhadoras, a fim de que sonhássemos juntas alguma aventura coletiva. Após o nosso último encontro com elas, o gosto que ficou na minha boca era amargo. Amargo pela expectativa de encantar seres humanos para sonhar através do teatro, esperança que, naquele momento, recém pós-experiência, compreendi como bastante frustrada.

Cerca de 30 dias após nosso último encontro, minhas reflexões voltam-se para nossa prática em sala de aula no sentido de perceber com nitidez os obstáculos pelo caminho, sonhar novas possibilidades de encantamentos que possam ser mais efetivas, e também em questionar esse desejo nosso de encantá-las da forma que queríamos, indo de encontro com o que elas realmente queriam. Acredito que fomos um tanto cabeças-duras em insistir que o sonho acontecesse de forma visual. O teatro tem diversas possibilidades; o sonho, outras tantas e, apesar da enorme limitação do lugar virtual, acredito que um dos nossos maiores obstáculos foi a própria muralha de cimento em nossas insistências em uma forma hermética e cinematográfica de teatralizar o sonho.

Há argumentos que enfraquecem essa crítica: a experiência foi ainda mais breve do que esperávamos e nossas exigências para conosco não são das mais leves. Além disso, houve participação, houve entrega, diversão, troca, novas descobertas juntas. Houve o exercício do teatro, mesmo que em momentos pontuais.

Podemos debruçar-nos sobre alguns pontos para aprofundar nossas aprendizagens a partir dessa experiência. Um deles, por exemplo, é o presente de estar no aqui e no agora. As aulas eram planejadas, mas é preciso estar de olhos bem atentos e de corações abertos para o acontecimento pedagógico. Tal estado é encorajado na prática teatral e acredito que é também muito importante para a ação (e reação) pedagógica. Às vezes é mais válido deixar nosso sonho de lado e embarcar nos sonhos das pessoas que ali estão.

"Que tal passarmos vergonha juntas?" Dificil não tentar uma análise psicológica dos integrantes da tur-

ma, que talvez estejam num momento de tamanha fragilidade que espanta qualquer possibilidade de exposição. "Não precisa fazer sentido", disse sabiamente alguém da turma de sonhadores. Mas como libertar-nos do sentido e da racionalidade nesse momento em que tudo converge para adestrar-nos dessa maneira? Nesse momento, será que sonhar também é resistir?

Bons sonhos

Sonhadora Nathália

Será possível sonharmos em coletivo?

A partir das palavras de Carmela Soares, reafirmamos nossas escolhas metodológicas com a turma do sexto ano naquele momento. Segundo a pesquisadora: "O professor-jogador é aquele que sonha e ao sonhar empreende de maneira ativa uma ação pedagógica, visando transformar o campo rude da instituição escolar num campo repleto de imagens vivas e poéticas" (SOARES, 2010, p. 96). Almejando transformar, de alguma forma, o campo da Escola contemporânea, que acontecia em regime emergencial remoto, escolhemos trabalhar com a temática dos sonhos para propor maneiras de encantar os e as estudantes com o fazer artístico coletivo e em meio ao momento do **tecnovívio**⁹. Neste sentido, ao fim do processo, percebemos o quanto nossa atitude pedagógica se voltou a, quinzenalmente, adaptarmos nossos planejamentos e pensarmos novas estratégias possíveis para fazer as aulas "darem certo". A partir das nossas reflexões, indagamo-nos: O que é mesmo uma aula que dá certo?

Podemos considerar como sinônimos de "dar certo" expressões como: ter êxito, ter sucesso, fazer funcionar, resolver-se, correr bem. Esses são termos de quem sabe onde quer chegar, de quem objetiva um resultado específico, mesmo que inconscientemente. Enquanto isso, vale constar que a expressão "dar errado" não é tão facilmente encontrada na busca por sinônimos na internet. Sintoma de uma sociedade expectante, exigente, esperançosa. Aqui, tentamos abordar também o que "deu errado", acreditando que o fracasso, quando analisado de frente e com gentileza, contribui enormemente

9 Segundo Dubatti (2020, p.14), "tecnovívio es la experiencia humana a distancia, sin presencia física en la misma territorialidad, que permite la sustracción de la presencia del cuerpo viviente, y la sustituye por la presencia telemática o la presencia virtual a través de la intermediación tecnológica".

para a transformação, ainda mais em um processo de estágio. Já que, segundo Celida Salume, professora universitária de estágios de Teatro na Educação: "são os problemas que emergem da prática, os responsáveis pelas descobertas e amadurecimento dos estudantes enquanto professores de teatro" (2011, p. 4).

Querendo ou não, buscamos um resultado para com a turma. Um resultado não de um lugar que queríamos chegar, mas de um caminho para percorrer. Percebemos as contradições dos nossos objetivos e do que realmente aconteceu na prática de ensino, buscando adaptar as aulas. No entanto, insistimos na participação pelas câmeras, em vez de apropriarmos-nos de outras formas de engajamento.

Sonhamos com câmeras abertas, participação ativa, proposições e afetos. Esperamos por uma forma de troca que acabou não acontecendo de acordo com as expectativas. E assim, querendo enxergar os rostinhos nas telas, acabamos fechando os olhos para a participação além da mídia, para as transformações atrás das câmeras fechadas. Podemos levantar aqui questões que tangem a diversidade de participação nas aulas. Esperávamos da turma o cumprimento das atividades propostas, mas sobre a movimentação que ocorria por trás das câmeras desligadas nós não tínhamos ciência. Refletindo sobre o momento em que o estudante abre sua câmera para compartilhar conosco um mapa mental feito à mão com canetinha vermelha, pudemos perceber com lucidez que as aulas de teatro ministradas no processo de estágio encontram cada estudante de maneira singular. Talvez, alguns com indiferença, outros com estímulos que os impulsivariam a criar.

Portanto, diante desta situação e de outras similarmente significativas, revisamos o engajamento nas aulas. Aqui evidenciamos que esta tem sido uma ocorrência frequente no ensino on-line que experienciamos: é difícil perceber a efetiva participação da turma. Caso o estudante decidisse manter para si o seu feito, facilmente presumiríamos que ele não havia sido afetado pela aula.

Seguindo esse mesmo pensamento, como avaliar o processo se não sabemos o que reverbera nos e nas estudantes? O que sentimos e analisamos como "resultado" desse processo pedagógico é muito mais um exercício de levantar suposições e de imaginar o que pode ter ecoado para cada estudante, já que foram raros momentos que recebemos devolutivas enquanto avaliação pedagógica.

Por outro lado, houve momentos em que

compreendemos com nitidez que os e as estudantes estavam participando da aula – à sua maneira. Percebemos que alguns indícios dos acontecimentos nos encontros nos remetem a uma outra visão de aula que talvez tenha "dado certo". Poderíamos afirmar que a participação pelo chat, propondo lugares imagináveis para se percorrer, ou propondo a criação corporal a partir de emojis, seriam pistas do que é dar certo? Neste sentido, lançamos uma perspectiva para a participação da turma em sala, pensando que o engajamento que tanto sonhámos se fez frutífero quando a turma se tornou também criadora do processo – de alguma forma –, propondo novos caminhos para o fazer teatral em tempos pandêmicos: um fazer muito mais ligado à experimentação e fruição da linguagem teatral e seus possíveis desdobramentos em contato com a literatura, no qual a apreensão dos elementos do teatro possa ser realizada de modo intuitivo e singular por cada estudante. À sua maneira, cada um e cada uma pode criar sua **máquina de fragmento de sonhos**, experimentando a ressignificação de objetos e sua utilização em cena; sugerir ideias de lugares e ações para uma narrativa coletiva, aproximando-se da construção de dramaturgias; jogar com a leitura e o corpo, reconhecendo diferentes possibilidades de expressão vocal e corporal.

Encontrar estratégias em meio aos limites que o fazer teatral na escola impõe e realizar nosso futuro trabalho como docentes, talvez seja um caminho para se pensar a aula enquanto um procedimento que dá certo. Que **tenta** diversas vezes, de diversas formas, (re)criando continuamente junto com a turma o nosso fazer. Assim, estaríamos nos aproximando também de um processo de constante formação como professoras de teatro, no qual **reinventamos saberes** "já sabidos" a partir das criações e vontades dos estudantes. Nos transformamos enquanto condutoras e propositoras em sala de aula, utilizando o espaço do estágio, que interliga escola e universidade, como um ambiente frutífero à reinvenção e ao sonhar.

Assim como no fim do livro *Escola de Chuva* (2012), lentamente, a nossa tentativa de fazer escola é colocada em suspensão com o encerramento do processo de estágio naquela turma. "Mas não importa, as crianças aprenderam a ler e levam o conhecimento consigo" (RUMFORD, 2012. p. 28). Para retomar nossas expectativas, vale dizer que agora elas têm a ver com a nossa vontade de que o ensino de teatro tenha ecoado de maneira singular em cada um dos e das estudantes; de que levem

consigo as possibilidades de construir instituições que admitem sonhadores aonde quer que vão; e que encontrem suas próprias estratégias sonhadoras para criar possibilidades de reinventar a realidade.

Florianópolis, 08 de março de 2022

Raras sonhadoras

Eu quero começar dizendo que sempre adorei escrever cartas. Desde a infância. Eu trocava cartas com minhas amigas, meus familiares, meus amores platônicos, meus ídolos da época. Sempre me expressei melhor através da escrita do que da fala. E me sinto imatura quando falo. E madura quando escrevo. Talvez a palavra escrita amadureça aos poucos, por dentro, o que ainda está "verde" por fora. Talvez isso aconteça também com a nossa arte de "professorar", sabe? A gente escreve, planeja, organiza, amadurece por dentro, o que ainda tá bem verde do lado de fora. Aliás, depois que descobri o verbo professorar, me sinto muito mais contemplada ao dizê-lo. Porque falar "sou professora" carrega tanta coisa junto... não sei se quero carregar tudo isso. Vocês querem? Já pensaram se realmente querem isto?

Outra coisa que eu preciso dizer, é que foi renovador pra mim sonhar junto com vocês. Fazia tanto tempo que eu vinha sonhando sozinha. Sonhar sozinho tem seus privilégios, você idealiza, imagina tudo da forma como você quer, realiza, e se não sai como esperado, ou se o sonho muda no meio do trajeto, não tem problema: era só meu o sonho mesmo. Mas e quando você é convidada pra sonhar junto com alguém? Como se compartilha um sonho? Um não, quatro. Ou seriam dezesseis? Já até perdi as contas. Difícil sonhar nesses tempos em que nos encontramos. Mas, não acredito que seja impossível, e sim, fundamental. Se não sonharmos em tempos sombrios, não sei bem o que resta.

Compartilhar estes lapsos de sonhos com vocês, fez com que eu enxergasse uma Júlia que eu não conhecia. Pra mim tudo já estava automático, não imaginava que ouvir aqueles sonhadores era tão revolucionário. Dividir a minha prática com vocês foi um exercício de autoconhecimento (e autoestima). E como isso faz diferença. Acho que toda pessoa precisava passar por isso na sua profis-

são: sentir-se valorizado, importante, potente. Ainda mais agora, com tantos enfrentamentos. Eu bem sei que esses enfrentamentos são parte do professor. Mas, convenhamos, em meio à uma pandemia, não é pra qualquer um. Eu sei que não foi do jeito que vocês gostariam. Mas nessa realidade, algo está saindo conforme gostaríamos? Eu não sei. Na minha opinião, as coisas estão indo como podem ir. O como isso nos atravessa e como atravessamos esse ir, é o que nos provoca e motiva a continuar com afeto.

Escrevo essa carta muito afastada da realidade sonhada que compartilhamos em 2021. Na minha memória, tenho pulsante a sensação de agonia e certa ansiedade em ouvir meu filho me chamando da sala ou brincando na rua com o pai, enquanto eu tentava de alguma forma estar presente nas aulas remotas que ainda restavam. Entre uma interferência e outra, uma sonhadora com uma grande engenhoca montada na sala de casa, nos convoca a entrar no universo do sonho dela. Essa eu não conheci pessoalmente. Não sei se tinha sonhos reais ou virtuais. Outros, dividi espaços paralelos: "prof, os estagiários não vem ao vivo? Que sem graça". Ou "prof, ao vivo é só tu?". Sim, só eu. "Ao vivo", como eles diziam, eu volto a sonhar sozinha. Afetada por dois anos de aflição, medo, insegurança no caos econômico e social, mas nutrida por voltar a ler e partilhar sonhos com tantos que ainda iniciam a trajetória nessa arte do professorar. O que eu posso dizer pra vocês? Raramente vai sair como planejado. Algumas vezes será incrível. Outras, cansativo. Bastante, aliás. Mas os sonhos ainda pulsam. Que possamos seguir sonhando, independente da realidade.

Com carinho, Júlia

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *Prendedor de sonhos*. Ilustrações de Juliana Bollini. São Paulo: Scipione, 2010.
- DUBATTI, Jorge. Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos *simétricos*. *Rebento*, São Paulo, n. 12, p. 8-32, jan-jun 2020.

Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/503>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FREITAS, Tino. *Os invisíveis*. Ilustração de Renato Moriconi. Casa da palavra, 2013.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. 2. ed. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

RUMFORD, James. *Escola de chuva*. São Paulo: Brinque-book, 2012.

SALUME, Célida. *A formação do professor de teatro: relações entre teoria e prática no estágio curricular*. In.: *Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*, VI., 2011, Porto Alegre. Anais ABRACE. Salvador: Escola de Teatro – Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2011.

SOARES, Carmela. *Pedagogia do jogo teatral uma poética do efêmero: o ensino do teatro na escola pública*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

SOUZA, Henrique B. *O professor que persegue o jogo: autonomia e emancipação na pedagogia do teatro*. São Paulo: Hucitec, 2021.

VIDOR, Heloise Baurich. *Leitura e Teatro: aproximação e apropriação do texto literário*. São Paulo: Hucitec; Florianópolis, SC: Fapesc, 2016.

Recebido: 09/06/2022

Aceito: 25/06/2022

Aprovado para publicação: 19/07/2022

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/>